



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MARCOS HADJI RIBEIRO SILVA

**MEMÓRIAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS:**

Uma análise sobre a obra “Maus - A História de um Sobrevivente”

Acarape

2024

MARCOS HADJI RIBEIRO SILVA

**MEMÓRIAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS:**

Uma análise sobre a obra “Maus - A História de um Sobrevivente”

Projeto de Pesquisa apresentado à Universidade da
Integração Nacional da Lusofonia Afro-Brasileira
(UNILAB), como requisito para obtenção do título de
Bacharelado em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião André Alves de Lima
Filho

Acarape
2024

Marcos Hadji Ribeiro Silva

Memórias da segunda guerra mundial através das histórias em quadrinhos:
Uma análise sobre a obra “Maus - A História de um Sobrevivente”

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade Projeto de Pesquisa, apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, Universidade da Integração da Lusofonia Afro Brasileira, Campus dos Palmares/CE, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Humanidades.

Data de Aprovação: 11/11/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sebastião André Alves de Lima Filho (Orientador)
Universidade da Integração da Lusofonia Afro Brasileira

Prof. Dr. Carlos Subuhana
Universidade da Integração da Lusofonia Afro Brasileira

Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho
Universidade da Integração da Lusofonia Afro Brasileira

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------------|----|
| 1. Introdução | 5 |
| 2. Justificativa..... | 7 |
| 3. Objetivos..... | 8 |
| 4. Referencial Teórico | 10 |
| 5. Metodologia..... | 23 |
| 6. Referências Bibliográficas..... | 24 |

1. INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos ganharam grande destaque antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial, desempenhando papéis diversos nas mentes das crianças e adolescentes: de histórias fantásticas a símbolos de heroísmo. Elas também se tornaram um poderoso veículo de expressão política e patriotismo, especialmente nos Estados Unidos, com a criação de personagens como Superman, Capitão América e Mulher Maravilha. Esses heróis serviram para fortalecer o sentimento nacionalista durante o período de guerra, transformando os quadrinhos de um gênero inicialmente infantil em uma ferramenta de comunicação social e política.

A Segunda Guerra Mundial deixou marcas profundas na história da humanidade, tanto em nível social quanto cultural. O conflito, que durou de 1939 a 1945, provocou uma devastação nunca antes vista, gerando um vasto repertório de memórias e narrativas que continuam a influenciar a compreensão histórica.

A obra *Maus - A História de um Sobrevivente*, de Art Spiegelman, destaca-se ao utilizar essa linguagem visual para abordar as memórias do Holocausto. A Graphic Novel, retrata o testemunho de Vladek Spiegelman, sobrevivente dos campos de concentração nazistas, através da perspectiva de seu filho, o autor da obra. A escolha do formato dos quadrinhos permite que o trauma e as experiências vividas sejam apresentados de maneira inovadora, como uma forma de testemunho gráfico.

O presente projeto de pesquisa visa analisar como a obra *Maus* contribui para a construção e preservação das memórias da Segunda Guerra Mundial, se utilizando das formas narrativas e visuais dos quadrinhos para comunicar os horrores vividos durante o Holocausto. Esse projeto pretende discutir, portanto, a maneira em que a escolha pela literatura de quadrinhos amplia e fortalece o teor da narrativa, proporcionando uma nova forma de empatia e entendimento dos eventos históricos retratados. Logo, A revisitação da memória é fundamental para impedir o esquecimento e evitar distorções históricas, e é justamente essa revisitação que obras como *Maus* promovem, ao oferecer uma nova perspectiva sobre os horrores da guerra.

A avaliação será realizada com base nos princípios de memória coletiva, memória individual e narrativa visual, examinando como a HQ (História em Quadrinho) articula a lembrança do trauma da Segunda Guerra Mundial por meio da interação entre palavras e imagens, e como essa combinação oferece uma maneira singular de preservar e comunicar a história. Adicionalmente, este projeto irá investigar a obra, com o objetivo de examinar como

o escritor estabelece uma ligação entre o passado e o presente, permitindo uma reflexão sobre a pertinência das lições da guerra e das consequências do trauma histórico nas gerações futuras.

O Projeto também abordará as influências da linguagem dos quadrinhos na representação de acontecimentos históricos, ressaltando a capacidade dessa mídia de transmitir experiências humanas complexas, tais como o padecimento, a sobrevivência e a resistência. Portanto, o estudo tem como objetivo ampliar o entendimento sobre a função dos quadrinhos na conservação da memória histórica e na construção da consciência coletiva.

2. JUSTIFICATIVA

O uso da linguagem dos quadrinhos como uma ponte entre a compreensão da memória e como ferramenta educacional se justifica pela sua alta eficácia na combinação de elementos visuais e textuais, de maneira que facilita o entendimento sobre materiais complexos. A forma atrativa de assimilação fácil é eficaz na educação de novas gerações, pois proporciona uma linguagem e abordagem mais dinâmica e acessível do que os métodos tradicionais de ensino. Além disso, os elementos visuais auxiliam na conexão emocional mais imediata com a obra, permitindo que os leitores, principalmente da geração mais jovem, se envolvam de maneira mais profunda com a narrativa histórica.

A humanização de eventos históricos também é um fator que se justifica quando há a representação de pessoas e eventos de forma simbólica ou figurativa. Diante disso, os quadrinhos tornam a história mais plausível e verossímil. Obras como *Maus* e *Persépolis*, de Marjane Satrapi, por exemplo, exploram temas como o trauma da guerra e o sofrimento humano, possibilitando que o leitor compreenda essas experiências de uma forma única, algo que livros ou outros diversos meios de comunicação podem não conseguir atingir com a mesma eficácia.

Outro fator que justifica a relevância do uso dos quadrinhos, é a possibilidade do exercício do pensamento crítico. Ao acompanhar uma narrativa visual e textual, como *Maus*, o leitor se sente desafiado a interpretar as mensagens, analisar contextos históricos e reforçar sua percepção às implicações das ações descritas, o que enriquece o processo de aprendizado.

3. OBJETIVOS

O objetivo geral deste projeto de pesquisa envolve a discussão de como a obra emprega técnicas narrativas e visuais da linguagem de histórias em quadrinhos em *Maus: A História de Um Sobrevivente* ao apresentar e comunicar a experiência do Holocausto, bem como o questionamento do modelo de papel da narrativa discutido na manutenção da memória coletiva sobre a Segunda Guerra Mundial. Sendo assim, esse Projeto de Pesquisa buscará evidenciar como as técnicas da obra, como metáforas visuais e a estrutura narrativa fragmentada, ajudam a criar uma representação exclusiva dos eventos históricos e apresentam temas de discussão em torno da memória, do trauma e da herança histórica por meio da linguagem dos quadrinhos.

Os objetivos específicos deste projeto consistem na investigação dos elementos visuais e narrativos de *Maus*, buscando entender como essa investigação auxiliar na representação histórica dos eventos da Segunda Guerra Mundial. Diante desta perspectiva, é de suma importância evidenciar que a estrutura fragmentada de *Maus* resulta das nuances da narrativa em presente e passado. Por um lado, o autor entrevista o seu pai, Vladek, mas, por outro, a lembrança de Vladek dos anos de guerra ainda lança uma sombra sobre ele. Tal alternância demonstra como a memória emerge de forma não linear e também mostra que mesmo décadas depois da guerra, Vladek é incapaz de se livrar do trauma sofrido. Vladek fala com erros gramaticais e um sotaque pesado, e é assim que ele se mostra como um sobrevivente que está tentando se ajustar a uma nova vida.

O Projeto ainda irá se debruçar na análise da relação entre memória coletiva e memória individual na obra, fazendo um destaque de como as experiências dos personagens refletem as realidades vividas durante o conflito. É possível caracterizar, diante da leitura da obra, os aspectos coletivos e individuais da memória, no momento em que o autor interpreta as memórias de seu pai em quadrinhos e na sua própria relação familiar com ele. Essa dicotomia é importante para perceber as nuances em que o autor, na parte gráfica, referencia essas memórias, dando um traço ao seu desenho mais detalhado ou mais sujo, a depender de onde as memórias de seu pai se encontram.

Este trabalho também irá examinar a eficácia dos quadrinhos como meio para transmitir e preservar memórias históricas complexas e emocionalmente densas, evidenciando como a união de texto e imagem simplifica a interpretação de acontecimentos complexos, tornando-os mais compreensíveis e acessíveis para diversos tipos de público. A forma escolhida pelo autor, isto é, a linguagem dos quadrinhos, estabelece uma ligação emocional instantânea, enquanto a

utilização de ícones visuais, como animais que representam grupos distintos, torna o conteúdo mais palpável e significativo.

Em sua reta final, o destino deste Projeto será exercitar a reflexão sobre a importância dos quadrinhos como ferramenta educacional e de conscientização histórica para novas gerações, tendo em vista que a natureza visual dos quadrinhos também ajuda a reter informações e desenvolver o pensamento crítico, levando o leitor a uma reflexão sobre os eventos históricos e suas influências no presente. Dessa forma, os quadrinhos, além de educar, também promovem às novas gerações o entendimento da importância da memória histórica para evitar a repetição de erros do passado.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste Projeto de Pesquisa tem como base as perspectivas teóricas sobre nacionalismo que perduraram antes, durante e após os eventos da Segunda Guerra. A ideia de nacionalismo está diretamente integrada ao sentimento de pertencimento, dando a entender que o poder político emana do povo e da nação, porém com um aspecto imaginado. Os regimes totalitários do século XX, a saber, o nazifascismo, foram integradas em um aspecto imaginário de nação, ocasionando a exclusão sistemática étnico-racial.

Para Anderson (2008, p. 32), “A nação é imaginada porque mesmo os membros da menor das nações jamais conhecerão, encontrarão ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, mas na mente de cada um vive a imagem de sua comunhão.”

O conceito de "comunidade imaginada" de Anderson é de fundamental importância para entender como o nazismo criou uma narrativa que excluía deliberadamente os judeus da identidade nacional alemã. O Holocausto foi o ápice desse processo excludente, onde a "imagem de comunhão" propagada pelo nacionalismo alemão não incluía aqueles considerados "não pertencentes", o que legitimou as atrocidades cometidas contra esses grupos.

Outro referencial teórico fundamental para entender as motivações para a maioria desses conflitos bélicos do “Breve Século XX”, como dito pelo historiador inglês Eric Hobsbawm, permeia todo o espectro da memória da Segunda Guerra. Nesse ínterim, o advento de um pensamento nacionalista dentro da realidade nazifascista se tornou algo evidente na Europa no começo do século XX. Para Hobsbawm (1995, p.121), “ [...] o fascismo compartilhava nacionalismo, anticomunismo, antiliberalismo etc. [...]”

No início do Século XX, a Primeira Guerra Mundial, conhecida somente como a Grande Guerra, aconteceu. Praticamente todas as grandes potências mundiais e Estados Europeus da época participaram deste conflito. O assassinato de Francisco Ferdinando da Áustria-Hungria foi o estopim para o início da Grande guerra, onde a Tríplice Aliança, composta por Grã-Bretanha, França e Rússia foi formada. Do outro lado haviam, portanto, as potências centrais da Alemanha, Áustria-Hungria e a Itália que bolaram um plano para liquidar a França com rapidez no Ocidente e partir com a mesma violência para o Oriente, a fim de fazer um ataque à Rússia Czarista.

De acordo com o historiador britânico Eric Hobsbawm, a Grande Guerra se mostrou um conflito altamente violento, evidenciado por um modelo de fusão entre a política e a economia:

O motivo era que essa guerra, ao contrário das anteriores, tipicamente travadas em torno de objetivos específicos e limitados, trava-se por metas ilimitadas. Na Era dos Impérios a política e a economia se haviam fundido. A rivalidade política internacional se modelava no crescimento e competição econômicos, mas o traço característico disso era precisamente não ter limites. (Hobsbawm 1995, p. 37)

Com o famoso Tratado de Versalhes, o fim da Primeira Guerra estava marcado, trazendo consigo um mundo devastado pelo desemprego e crises sociais como a Revolução Russa, encabeçada por Lênin em 1917, também conhecida como “Revolução de Outubro”. Durante os anos seguintes, com o colapso iminente do continente Europeu, houve, do lado mais ocidental do planeta, mais especificamente nos Estados Unidos, a Grande Depressão de 1929, que foi marcada como a maior crise do capitalismo financeiro do século XX, com a queda (*Crash*) da Bolsa de Valores de Nova York.

O acordo de paz imposto pelas grandes potências vitoriosas sobreviventes (EUA, Grã-Bretanha, França e Itália) e em geral, embora imprecisamente conhecido como Tratado de Versalhes, era dominado por cinco considerações. A mais imediata era o colapso de tantas reginas na Europa e o surgimento na Rússia de um regime bolchevique revolucionário alternativo, dedicado à subversão universal, um imã para forças revolucionárias de todas as partes. (Hobsbawm, 1995, p. 38,39.)

No final da década de 1930, Adolf Hitler, criador do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NAZI) inflou o Estado Alemão com um discurso ultranacionalista e racista, onde acreditava existir uma única “raça pura” do ser humano, isto é, a “raça ariana”. Insatisfeito com o Tratado de Versalhes, o considerando injusto e inaceitável, com seu ideal encabeçado desde 1933, quando chegou ao poder, iniciou a Segunda Guerra Mundial já em 1939, invadindo a Polônia, munido com seu discurso antisemita, afirmando que os judeus, que os comparava com ratos, eram um problema a ser eliminado.

Dos anos de 1939 a 1945, a Segunda Guerra Mundial foi travada debaixo de muito horror e desumanidade, que se configuraram em seis anos de completo desespero no continente Europeu, onde foi travada. Dois anos após seu início, em 1941, um ataque japonês, pertencente ao grupo do Eixo, ao porto de Pearl Harbour, no Havaí, fazendo inúmeras vítimas, contribuiu diretamente para que os Estados Unidos América declarassem guerra ao Eixo.

Figura 1 - Ataque à base militar americana Pearl Harbour - 7 de dezembro de 1941



Fonte:

[‘For decades I couldn’t speak about the horrors I witnessed at Pearl Harbor’ – www.israelhayom.com](http://www.israelhayom.com)

Antes e durante os seis anos de guerra, entraram em evidência muitos regimes totalitários semelhantes ao Reich nazista. Benito Mussolini, na Itália Fascista, na década de 1920, idealizava uma sociedade enraizada em princípios nacionalistas, onde tudo e todos dependiam de uma força motriz que geria todo o indivíduo e instituição: o Estado. Em seu âmago, o Estado, a partir do ideal fascista, integra um papel de uma encarnação suprema da vontade nacional e da identidade coletiva. O fascismo enxerga o Estado como um organismo vivo, que faz a transcendência do cidadão individual comum e incorpora totalmente os valores e princípios de uma nação.

Diante desta perspectiva, Hobsbawm (1995, p. 122) diz que “O fascismo era triunfantemente antiliberal. Também forneceu a prova de que o homem pode, sem dificuldade, combinar crenças malucas sobre o mundo como um confiante domínio de alta tecnologia contemporânea [...]”

Diante desta ameaça crescente do expansionismo italiano, alemão e mais tarde japonês, muitas potências ocidentais optaram por uma política de apaziguamento, buscando evitar conflitos maiores que atingissem o mundo inteiro, o que gerou concessões territoriais, como o Anschluss da Áustria, que se tratava da anexação da Áustria a Alemanha em 1938.

E, no entanto, se um lado claramente não queria guerra, e fez tudo possível para evitá-la, e o outro glorificava e, no caso de Hitler, sem dúvida a desejava ativamente, nenhuma dos agressores queria a guerra que tiveram, quando a tiveram, e contra pelo menos alguns dos inimigos com os quais se viram lutando. (Hobsbawm, 1995, p. 38,39.)

A Segunda Guerra Mundial, enquanto evento histórico devastador, gerou uma vasta produção de memórias que reverberam até os dias atuais, sendo fundamental para a construção do entendimento coletivo sobre o período.

A memória de guerra, como fonte abstrata de estudo, permeia todo o universo historiográfico, no qual busca entender os diferentes pontos de vista de eventos outrora acontecidos. Segundo LE GOFF (1990), a história e a memória são absolutamente distintas, mas interrelacionadas. Para o autor, a História se refere à uma busca constante de uma compreensão objetiva e crítica do passado.

A história da história não se deve preocupar apenas com a produção histórica profissional, mas com todo um conjunto de fenômenos que constituem a cultura histórica ou, melhor, a mentalidade história de uma época. Um estudo dos manuais escolares de história é um aspecto privilegiado, mas esses manuais praticamente só existem depois do século XIX. (Le Goff, Jacques, 1924, p.39)

A história é a ciência do tempo. Está estritamente ligada às diferentes concepções de tempo que existem numa sociedade e são um elemento essencial da aparelhagem mental dos seus historiadores. (Le Goff, Jacques, 1924, p.42)

Já a Memória, por sua vez, se trata da maneira pelas quais as pessoas lembram e dão significado ao passado. Memória, como objeto de estudo científico, pode, de maneira sistemática, ajudar a entender o momento histórico nela inserido; Logo, compreende-se assim que a memória também é cíclica. Isto é, sempre permeia dentro do espectro coletivo e individual. É importante salientar que para Le Goff, a Memória, enquanto um fenômeno, não se trata de algo puramente individual, mas sim uma construção social. As memórias coletivas, por se tratarem de narrativas compartilhadas, moldam a identidade e a compreensão do passado.

LE GOFF (1990) conceitua a memória como um elemento fundamental na construção de uma identidade individual e coletiva. Não se trata de um simples relato do passado, mas é reinterpretada e constantemente moldada através da sociedade. A memória é, em suma, um processo ativo de elaboração, transmissão e seleção de experiências e narrativas do passado, influenciada por elementos culturais, ideológicos, políticos e históricos.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. (LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2003. p. 477.)

Se relacionadas distintamente, História e Memória podem atribuir para si distintas nuances que podem ser analisadas a rigor. Segundo Le Goff (1990), a História, como ciência, é responsável pela investigação e interpretação do passado, baseando-se em evidências e respeitando o método científico. Por outro lado, a memória tem um viés mais seletivo, buscando uma compreensão abrangente e crítica do passado. A relação entre História e Memória é

complexa. Segundo o autor, essa relação não é simplesmente algo teórico, mas também social e político. A maneira que uma sociedade se lembra do seu passado influencia diretamente nas questões identitárias, bem como na visão da justiça social e reconciliação histórica, trazendo um diálogo sobre o passado que traga uma perspectiva mais construtiva ao passado e ao presente.

No estudo histórico da memória histórica é necessário dar uma importância especial às diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita como também às fases de transição da oralidade à escrita, a que Jack Goody chama "a domesticação do pensamento selvagem". (Le Goff, 2003. p. 426.)

De maneira conceitual, pode-se detectar diversos tipos de memórias, quando se relaciona ao contexto de Guerra. Dentre eles, temos a Memória Coletiva, caracterizada pelo conjunto de lembranças, representações e narrativas de guerra, evidenciando um conflito regional ou mesmo algo mais específico. A Memória Coletiva é frequentemente moldada através de monumentos, museus, relatos pessoais, obras de arte, música, dentre outras formas de expressão cultural. Dois exemplos que evidenciam isso são o Museu do Holocausto, localizado em Israel e o Memorial do Holocausto, em Berlim, na Alemanha.

Compreender o tempo "é essencialmente dar provas de reversibilidade". Nas sociedades, a distinção do presente e do passado (e do futuro) implica essa escalada na memória e essa libertação do presente que pressupõem a educação e, para além disso, a instituição de uma memória coletiva, a par da memória individual. (Le Goff, 2003. p. 205,206.)

Outro conceito importante é o da Memória Individual. Diante desta perspectiva, cada pessoa envolvida em algum conflito bélico tem sua própria memória pessoal do evento, incluindo detalhes distintos de outras pessoas. Um exemplo muito comum de Memória Individual pode ser observado em relatos de veteranos de guerra, bem como civis que viveram durante o conflito e sobreviventes de situações que envolveram traumas físicos e psicológicos.

A Memória Histórica, por sua vez, se refere a como a guerra é interpretada e lembrada ao longo do tempo. Essa memória é influenciada por perspectivas políticas governamentais, mudanças sociais e interesses geopolíticos. Por se embasar em pilares científicos, pode evoluir à medida que novas descobertas surgem, resultando também em uma nova perspectiva, fazendo com que novas gerações interpretem os eventos de maneiras diferentes.

Dentro dos diferentes tipos de memória, há também a Memória Traumática, que se caracteriza pela vivência de muitas pessoas em guerras que podem carregar memórias traumáticas que foram vítimas, ou mesmo testemunharam. Essas memórias podem afetar as faculdades mentais e danos emocionais às vítimas de guerra.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (Le Goff, 2003. p. 243.)

Diante disso, outro tipo de memória de guerra é a Memória Cultural, que é caracterizada pelas guerras que geram impactos duradouros na cultura de uma sociedade, influenciando em diversas formas de expressões artísticas, bem como a literatura, tradições e valores.

LE GOFF (1990, p. 24), argumenta que “O passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história. Isto é verdadeiro em dois sentidos”. Ou seja, a memória é essencial para a construção da identidade e da cultura de uma sociedade. Segundo ele, a memória individual e a coletiva são componentes fundamentais para a compreensão histórica. A memória individual é subjetiva e pessoal, enquanto a memória coletiva é compartilhada e estruturada pela sociedade. Diante disto, é importante salientar que a história se beneficia dessa dualidade, pois incorpora tanto os fatos documentados quanto às percepções e narrativas pessoais, que oferecem uma visão mais completa e humanizada do passado.

Partindo de um espectro mais específico, a memória pode ser intrinsecamente relacionada com o contexto histórico do período pós Segunda Guerra, visto que, as duas estão diretamente inseridas uma à outra. O período entre as décadas de 1930 e 1940, marcado pela Segunda Guerra Mundial na Europa, foi uma época de extrema destruição, transformação e trauma. As experiências vivenciadas durante este conflito moldaram profundamente a maneira como as sociedades europeias percebem a si mesmas e constroem suas identidades coletivas.

Com isso, pode-se elencar alguns fatores para a destruição da identidade. A Segunda Guerra Mundial, como é sabido, deixou um rastro de destruição física e emocional na Europa. As sociedades total ou parcialmente afetadas foram confrontadas com o desafio de lidar com o trauma e reconstruir não apenas fisicamente, mas também suas identidades coletivas. As memórias coletivas desse período desempenharam um papel crucial na formação da identidade pós-guerra.

A Europa, em seu desafio de reconstrução, diante de cidades bombardeadas e devastadas, concebeu memórias coletivas dessas perdas e teve um desafio ainda maior na reestruturação econômica durante as décadas posteriores. As divisões políticas e ideológicas se tornaram constantes, durante o período conhecido como Guerra Fria, com o bloco comunista, encabeçado pela União Soviética, no Leste, e o bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos da América no Oeste. Dentro deste contexto, a memória da Guerra Fria e das tensões políticas que permearam esse período são bastante contundentes para entender as nuances deste período.

Para HOBBSAWM (1995, p. 224), “A peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial.”. A Guerra Fria, como um resquício, uma perspectiva quase beligerante, não se utilizou de armamento bélicos de destruição em massa diretamente, como a Little Boy em Hiroshima e Nagasaki. Com o advento do bloco comunista no Leste Europeu, mais especificamente na União Soviética, as grandes potências do Ocidente, como os Estados Unidos da América, iniciaram suas pesquisas na exploração espacial, tema que engatinhou dentro dos seis anos de Segunda Guerra.

De fato, a situação mundial se tornou razoavelmente estável pouco depois da guerra, e permaneceu assim até meados da década de 1970, quando o sistema internacional e as unidades que o compunham entraram em outro período de extensa crise política e econômica. (Hobsbawm, 1995, p. 38,39.)

Inserido no contexto da época da Guerra Fria, outro confronto bélico se iniciou e marcou também o futuro e o presente da sociedade Norte Americana. A Guerra do Vietnã era, em suma, praticamente desnecessária. Tudo estava dentro do espectro dualístico de Esquerda e Direita, do Bloco Capitalista e Bloco Socialista. Esse evento não só influenciou uma movimentação social contrária à Guerra, como também as artes. Nos quadrinhos, a época da Guerra Fria e Guerra do Vietnã foram muito retratados, como na obra *Watchmen*, escrita pelo inglês Alan Moore e desenhada pelo também artista inglês Dave Gibbons, considerada por muitos colecionadores e entusiastas de quadrinhos como a maior obra em quadrinhos já feita.

Ainda dentro desta perspectiva histórica da Segunda Guerra, o surgimento de vastas quantidades de obras culturais e expressões artísticas se tornaram evidentes durante e após o conflito, pois expuseram os horrores e consequências provenientes da Segunda Guerra Mundial. Dentre eles, romances, cinema, peças teatrais e, claro, quadrinhos, que foram essenciais para a preservação da memória histórica e para o estudo de suas complexidades.

Durante o período da Segunda Guerra, as Histórias em Quadrinhos (HQ's) desempenharam um papel fundamental na promoção do pensamento nacionalista norte americano. Essa época foi também marcada por um grande esforço, por parte do governo dos Estados Unidos, para que a sociedade apoiasse a causa da guerra. Diante desta realidade, os quadrinhos surgiram como uma forma bastante eficaz de moldar as opiniões e valores do público em geral, especialmente, os jovens.

Os quadrinhos da época da Segunda Guerra retratavam super heróis como figuras patrióticas, com poderes fantásticos, que defendiam e lutavam pelos “valores americanos” contra vilões do Eixo, como Alemanha, Itália e Japão. Um dos exemplos mais marcantes deste período foi o Capitão América, personagem criado por Joe Simon e Jack Kirby, em 1941. Nas HQ 's, Steve Rogers, nome do herói Capitão América, lutava contra os nazistas, vestindo seu

traje com as cores da bandeira americana e veio a se tornar um símbolo da luta contra o nazismo e da resistência estadunidense.

Desde as primeiras HQs que surgiram para o grande público, elas foram identificadas como ‘coisa de criança’. Até hoje muitos não as consideram um tipo de arte, mesmo com o sucesso que elas fazem e com a qualidade dos roteiros e desenhos que têm, os quais fizeram muitas dessas revistas e seus autores ganharem, inclusive, prêmios literários. (Buzzoni, Pedro, 2013, p.5)

O Capitão América, criado por Jack Kirby e Joe Simon, em 1941, pela Marvel Comics, foi um divisor de águas para a literatura de quadrinhos. Através desse icônico personagem, o identitário norte americano como super potência bélica estava sendo construído de maneira que, por meio de suas histórias, buscavam retratar uma derrota completa ao nazismo. Em sua primeira aparição, o herói, na capa da revista, derrotou uma representação do próprio Hitler.

Figura 2 - Captain America Vol.1 - Março de 1941



Fonte:

[Captain America Comics \(1941-1950\) #1 \(English Edition\) - eBooks em Inglês na Amazon.com.br](#)

Esse personagem, cheio de simbolismos, chamado de Steve Rogers é um franzino e enfermo rapaz do bairro do Brooklyn, em Nova Iorque, que sonha em servir e ser aceito, mesmo com baixas condições físicas, no exército americano. Então, um cientista alemão, que estava nos Estados Unidos exilado, o convida a fazer um teste de um soro que o tornaria fisicamente e psicologicamente superior a qualquer soldado comum, dando força quase sobre-humana e inteligência. Após o experimento concluído, o franzino Steve Rogers tem seu corpo e mente alterados, se tornando assim um Super Soldado, pronto para combater a ameaça nazista.

A Segunda Guerra trouxe com ela grandes mazelas sociais como genocídio, holocausto, xenofobia e instabilidades diplomáticas entre os países. Neste contexto, Art Spiegelman lança sua mais consagrada obra “Maus – A história de um sobrevivente”, em dois volumes, em 1986

e em 1991, respectivamente. Nesta obra, o autor narra a relação entre ele e as memórias de seu próprio pai, Vladek Spiegelman, em sua história como sobrevivente de Auschwitz.

Art Spiegelman é autor consagrado de quadrinhos. Nascido em Estocolmo no ano de 1949, iniciou seus estudos nos Estados Unidos da América e iniciou sua carreira como autor de quadrinhos aos dezesseis anos de idade. Cresceu no bairro Queen, em Nova York, e foi cofundador da revista *underground* “RAW”, ajudando a divulgar muitos outros autores de quadrinhos na época. Teve grandes influências de quadrinistas como Harvey Kurtzman e Will Eisner. Também foi capista das revistas *New Yorker*, *Real Pulp* e *The New York Times Magazine*. Durante a década de 70 e 80, Art fez entrevistas com seu pai a respeito da Segunda Guerra Mundial e como ele sobreviveu aos eventos nos campos de concentração, principalmente em Auschwitz, com a criação da sua maior obra, *Maus*, que em 1992 ganhou o Prêmio Pulitzer de Jornalismo.

No livro intitulado *MetaMaus*, uma obra feita exclusivamente para ajudar a compreender as nuances e detalhes dos bastidores de *Maus*, Art declara que só tomou conhecimento das atrocidades que sua família havia passado apenas em 1961, quando assistiu o julgamento de Eichmann, amplamente televisionado na época, e quando encontrou livros na biblioteca de seus pais que continham fotos e desenhos da época da Guerra. Isso serviu de inspiração para as tirinhas de *Maus*, publicadas por ele na revista RAW.

Durante os julgamentos de Eichmann, em 1961, como a maioria dos americanos, eu tinha treze anos. Meus pais acompanharam de perto os julgamentos amplamente televisionados, e foi assim que comecei a perceber a história. E descobri um livro de bolso bastante usado naquela época, enquanto bisbilhotava as prateleiras privadas da minha mãe, bem ao lado de *O Amante de Lady Chatterley*. (Spiegelman, 2011. p. 15).

Para que haja pleno entendimento, é preciso analisar a obra, em todas as suas nuances. *Maus*, que significa “rato”, em alemão, é um livro que apresenta relatos de uma memória “biográfica-autobiográfica” de Art Spiegelman. Nesse sentido, o autor desenha a si mesmo, apresentando fragmentos de sua própria história e memória, apresentando, com mais ênfase, a história de seu pai. É importante salientar que ao demonstrar a vida de seu pai, através de uma obra de arte, o autor se distancia, como receptor de uma memória, mas ao mesmo tempo se aproxima, ao retratar suas próprias memórias nessa inter-relação. Nessa obra, que retrata uma visão metafórica de animais, representando pessoas de diferentes nacionalidades, os judeus são retratados como ratos, alemães como gatos, americanos como cachorros, poloneses não judeus como porcos e franceses como sapos. Mas por que essa representação?

A ideia de usar animais como representação étnica não veio de um simples acaso. Art Spiegelman escolheu essa representação por uma série de razões complexas. Ao escolher

animais como uma representação de seres humanos, permite ao autor criar para si uma distância entre os eventos traumáticos aos leitores, uma vez que esses animais são, também, representações de grupos étnicos distintos envolvidos no holocausto. Além disso, é possível perceber as questões de identidades, estereótipos e preconceitos explorados pelo autor ao explorar as características específicas de cada espécie animal. Diante disso, Spiegelman busca retratar as complexidades das relações humanas, bem como as dinâmicas de poder dentro da sociedade. Ao retratar, por exemplo, judeus como ratos e nazistas como gatos, Spiegelman destaca as noções de perseguição naturais do reino animal, em uma relação de predador-presa, que permeou durante a Europa durante o período da Segunda Guerra.

É importante salientar que, para Art Spiegelman, essa abordagem com animais também permite analisar temas como sobrevivência, família e memória. Essa busca pelas relações humanas, partindo de uma perspectiva memorial, ajuda a entender as nuances existentes na obra. Por se tratar de uma obra complexa, *Maus* é uma arte que transcende os limites da narrativa histórica tradicional e abre espaço para debates sobre a natureza humana e a importância da memória, a fim de lembrar e aprender com o passado.

Não era intenção de Art Spiegelman, a princípio, escrever um livro sobre o Holocausto. Ele destaca, em *MetaMaus*, uma “espécie de reação alérgica ao fato de ser judeu”. Foi apenas na elaboração de *Maus* que Art “saiu do armário” e começou a perceber e identificar sua vertente judaica. Ele não tinha intenção de deixar seu pai como um personagem de seu livro, cheio de sentimentalismos, como de tratá-lo como um herói enobrecido pelo seu sofrimento, como uma noção cristianizada de um mártir. Apesar de tudo, era uma relação essencialmente humana, com todas as suas nuances e defeitos, e o autor inclui a si mesmo sendo bem desagradável com o pai.

A narrativa de *Maus* é dividida em duas partes: *My Father Bleeds History* (1986) e *And Here My Troubles Began* (1991). Nelas, Art Spiegelman reconta a história de seu pai, um judeu polonês que sobreviveu ao campo de concentração de Auschwitz, mas não se limita a uma perspectiva histórica. A narrativa intercala o passado e o presente, explorando não só os horrores da guerra, mas também a complexa relação entre pai e filho, que é marcada pelo peso emocional dos traumas herdados e pelo impacto geracional do Holocausto. Dessa forma, *Maus* se apresenta como uma biografia, uma autobiografia e uma reflexão sobre a memória coletiva, transcorrendo entre a reconstrução histórica e a introspecção.

Art mergulha em suas próprias memórias pessoais, narrando as relações com seu pai, Vladek. Contudo, apesar do fato de se tratar de uma obra estritamente relacionada à memória, é possível observar a intenção do autor ao explorar a natureza falível da natureza humana. O

autor não trata as memórias de seu pai como infalíveis, mas entende que pode ser transmitida com fluidez e sujeitas a distorções, se partindo do ponto de vista do próprio Vladek. Para Spiegelman, a memória de seu pai era efêmera, mas considerava isso como um processo, como uma parte do problema. As memórias de Vladek não eram automatizadas, mas permitiam que seu filho tivesse acesso a elas ao que ele mesmo tinha acesso.

Ao buscar retratar as memórias do seu pai em quadrinhos, Art contribui para a perpetuação desta memória, tanto para gerações futuras como para um público mais amplo. Diante disto, é fato que *Maus* serve como uma perspectiva de testemunho tanto pelo ponto de vista do autor quanto pelo seu pai. As dificuldades ao entrevistar Vladek se caracterizavam em sua memória e a dificuldade de se expressar, e a do próprio Art em saber o que perguntar. Para que as memórias de Vladek fossem, de alguma forma, entendidas, era preciso que compartilhassem uma intimidade que só os dois poderiam alcançar, em nenhum outro contexto.

Nas primeiras páginas da obra, o autor retrata o encontro com seu pai, durante a década de 1980, depois de um longo tempo, para continuar a contar relatos de sua juventude poucos anos antes da Segunda Guerra. *Maus*, além de apresentar memórias de guerra, trata também de memórias individuais, mostradas através da relação interpessoal de Art com seu pai, Vladek. É possível perceber a forma que a Guerra afetou a sua mente. Na primeira parte da obra, intitulada “Meu pai sangra história”, Vladek Spiegelman, pai de Art, como já foi mencionado, rememora os primeiros momentos de sua vida, como vendedor de tecidos em meados da década de 1930, em Czestochowa, na Polônia.

Nesta parte do livro, Vladek descreve sua vida pacata, e como conheceu sua esposa, mãe de Art Spiegelman. Mesmo durante os anos antes da guerra, as tensões políticas aos judeus já se mostravam presentes. Anna Zylberberg, esposa de Vladek, era uma intermediadora de planos comunistas dentro da Polônia, onde fazia o trabalho de tradução de “esquemas” revolucionários e passava adiante. Vladek não concorda com essa prática de sua esposa, que deixa de receber essas cartas.

No capítulo três, “Cortina de Ferro” Art retrata as memórias de seu pai, em 1939, no treinamento de guerra do exército polonês. Nessa época, Adolf Hitler já havia iniciado seu plano de invasão do território polonês, com o conhecido sistema de guerra chamado Blitzkrieg. Vladek, através dos traços de seu filho, rememora a sua reação ao matar um homem pela primeira vez, demonstrando uma repulsa pelo ocorrido. Entretanto, a dicotomia de Guerra é constantemente presente nesta situação. Vladek tinha ordens para atirar em qualquer coisa que se movesse, mesmo sendo mal treinado para isso. Isso demonstra, por sua vez, a natureza humana em relação à submissão às hierarquias militares diante de um Estado de Guerra. O fato

de “obedecer a ordens” se torna, nesse caso, um subterfúgio, para a morte de outros, em nome de causas outrora questionáveis.

No capítulo 4, intitulado “Maus”, a narrativa se aprofunda na vida de Vladek após a ocupação nazista. A história retrata a resistência dos judeus e os esforços de Vladek e Anja para sobreviver em um ambiente hostil. A relação entre os personagens é cada vez mais testada à medida que a guerra avança e a realidade se torna cada vez mais sombria. Spiegelman continua a utilizar a personificação para transmitir a dinâmica entre as diferentes nacionalidades e grupos sociais. O uso de ratos e gatos não é apenas uma representação visual, mas também um comentário sobre a natureza predatória das relações humanas durante a guerra.

Ainda sobre as memórias de Vladek, é possível perceber as dificuldades que ele e Anja passaram quando se casaram. Embora Anja fosse de família muito rica, o antissemitismo já oprimia as pessoas a ponto de terem que se disfarçar para não sofrerem represálias do próprio governo polonês, que aderiu ao pensamento nazista. Vladek e Anja passaram alguns meses se escondendo e passando por muitas dificuldades, a ponto de passarem fome ou ter só açúcar ou poucos grãos para se alimentar.

Maus, em suma, serve como uma análise a respeito das nuances existentes na sobrevivência propriamente dita. Vladek é retratado por seu filho como um homem resiliente, mas marcado pelo medo, pela desconfiança e por comportamentos que Art frequentemente questiona. Spiegelman, ao construir essa relação entre pai e filho, traz à tona o conceito de “memória coletiva”, em que eventos traumáticos e experiências de sobrevivência se tornam elementos essenciais na construção das identidades familiares e culturais. Segundo Maurice Halbwachs (2004), a memória coletiva não se limita ao indivíduo, sendo partilhada e reconstruída em conjunto por grupos sociais. Em *Maus*, a herança do Holocausto torna-se um fardo e uma fonte de tensão na vida de Art, que busca entender e reconciliar a própria identidade com o passado que o precede.

A recepção de *Maus* marcou um momento crucial na história das HQs, pois trouxe reconhecimento ao gênero como uma forma legítima de arte e literatura, capaz de explorar temas complexos com a mesma profundidade de romances e biografias tradicionais. A obra venceu o Prêmio Pulitzer Especial em 1992, destacando-se pela sua originalidade e pela capacidade de transformar o formato dos quadrinhos em uma linguagem capaz de capturar a dimensão histórica e emocional do Holocausto. Assim, *Maus* é um exemplo fundamental de como a “nona arte” pode explorar temas históricos e sociais, servindo como um meio de preservação e reflexão sobre memórias dolorosas.

Concluindo o referencial teórico, é essencial que se evidencie a crucial importância da obra *Maus* de Art Spiegelman não apenas como um relato autobiográfico da experiência do Holocausto, mas também como uma reflexão profunda sobre a memória e suas implicações. Ao longo deste trabalho, foi possível observar como a narrativa gráfica, na linguagem dos quadrinhos se torna um veículo poderoso para transmitir experiências traumáticas e preservar a memória histórica, destacando a resiliência do espírito humano em face das adversidades. A utilização de elementos visuais e a personificação de personagens ajudam a enfatizar a complexidade das relações familiares e a luta pela sobrevivência, fazendo com que *Maus* se estabeleça como uma das obras mais significativas da literatura contemporânea e um importante recurso didático para a educação sobre o Holocausto. Dessa forma, a obra de Spiegelman não apenas contribui para a compreensão dos horrores da guerra, mas também nos convida a refletir sobre a importância da memória coletiva e da narrativa na construção de nossa identidade histórica.

5. METODOLOGIA

O presente Projeto de Pesquisa adota uma abordagem qualitativa, embasada principalmente na análise de textos e imagens para explorar a obra "*Maus – A História de um Sobrevivente*", de Art Spiegelman. A metodologia usada combina pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo, com o objetivo de analisar a representação do Holocausto e o impacto da literatura de quadrinhos na preservação da memória histórica.

A primeira etapa envolve uma pesquisa bibliográfica aprofundada, fornecendo o suporte teórico necessário para a análise da obra. Nesta fase, são revisados obras e estudos que discutem memória histórica e a representação de eventos traumáticos, com destaque para Jacques Le Goff, em seus estudos sobre memória e história, explorando as relações entre memória individual e coletiva e como as narrativas históricas são construídas e preservadas ao longo do tempo. Le Goff oferece uma perspectiva sobre como a memória é utilizada na construção de identidades e como os eventos traumáticos, como o Holocausto, são incorporados na memória cultural.

A segunda etapa do Projeto é marcada pela narrativa visual e textual de *Maus*, que é explorada detalhadamente, examinando-se os elementos que a tornam única. A análise foca nos temas do trauma, memória e identidade, revelando como o autor utiliza metáforas visuais e técnicas narrativas para capturar as complexidades do Holocausto. O uso de personagens antropomorfizados, sendo retratados como animais, por exemplo, ressignifica e compreende o debate sobre a desumanização do outro.

Em sua terceira etapa, *Maus* é analisado em relação a outras obras gráficas que tratam da Segunda Guerra Mundial, como *Persepolis*, da quadrinista iraniana Marjane Satrapi. Essa comparação evidencia como diferentes autores utilizam a linguagem dos quadrinhos para narrar eventos históricos, bem como explorar a memória coletiva. Enquanto algumas obras priorizam uma abordagem documental, outras, como *Maus*, optam por uma perspectiva mais pessoal e emocional, oferecendo um espectro diversificado de narrativas históricas.

Por fim, o projeto se debruça sobre o impacto de *Maus* na preservação da memória coletiva, destacando seu papel como ferramenta educativa. A obra não apenas consolida as narrativas do Holocausto, mas também serve como um poderoso recurso para promover a reflexão e pensamento crítico ao leitor. Sua capacidade de abordar temas universais por meio de uma linguagem acessível torna esta obra um marco na literatura dos quadrinhos e um exemplo de como histórias em quadrinhos podem transcender o entretenimento para educar e transformar.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões Sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo**. Tradução de Denise Bottmann. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BUZZONI, Marcelo de Rosso; PEDRO, Emidio Martins. **O Uso de Histórias em Quadrinhos No Esforço de Guerra Norte-Americano Durante a 2ª. Guerra Mundial**. Trabalho apresentado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 20 a 23 ago. 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

SPIEGELMAN, Art. **Maus: A História de um Sobrevivente**. Tradução de Heitor Pitombo. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SPIEGELMAN, Art. **MetaMaus: A História Por Trás de Maus**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SANTOS, Aline Martins. **A Segunda Guerra Mundial na Linguagem dos Quadrinhos. Capitão América: “A Sentinela da Liberdade” ou “O Defensor da América para os Americanos”?**, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2020.

TENORIO, Thaís da Silva. **O Nacionalismo que diverte: A Produção de uma Identidade Nacional e os Quadrinhos no Início de 1960**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.